

# breve digressão através do racismo

## anti-semita

(Continuação do número anterior)

A RAÇA

POR CAMILO BERNÉRI

Até ao século XVIII considerou-se a humanidade repartida em três grandes famílias: a de Sem, a de Cam e a de Jafet. As considerações concernentes à raça só se faziam entre os educadores. Buffon e Lineu foram quem introduziu essas considerações na linguagem científica criando a etnografia. Lineu, empreendendo a classificação dos seres vivos, atreveu-se a incluir o homem nas categorias animais. De acordo com a tradição bíblica considerou todas as três grandes famílias descendentes dum único par, ou seja, formando uma só espécie: a do *Homo Sapiens*. Sem embargo, dividiu esta espécie em quatro grupos: brancos, amarelos, negros e vermelhos, aos quais na sua repartição geográfica chamou respectivamente: *Homo europæus*, *Homo asiaticus*, *Homo afer* e *Homo americanus*. O texto de Lineu não nos permite saber se realmente considerava tais grupos como espécies diversas ou como variedades duma só espécie. A primeira tese poderia acarretar-lhe perigos e não ousou talvez enunciá-la. Buffon tocou no assunto mais abertamente, mas também se mostra prudente. Para ele existe apenas uma única espécie humana, de cores diversas em relação com o solo e o clima: as diferenças desta espécie correspondem às simples variedades dos animais selvagens e às raças dos animais domésticos.

No século XIX apareceram três correntes que são, no fundo, três fases evolutivas do problema: a primeira adoptou a classificação etnográfica; a segunda a classificação glotológica; a terceira a classificação antropológica.

O antropólogo alemão Blumenbach (1840) perfilhou a classificação de Lineu e, em virtude das suas investigações na Oceânia, agregava às quatro raças precitadas a raça malala.

Com Cuvier a classificação das raças tende a fazer-se antropológica, isto é, a ter em conta mais as particularidades físicas que as origens e a posição geográfica das raças. Cuvier distingue três únicas raças baseando-se na cor da pele e nas qualidades dos cabelos: a branca, a negra e a amarela.

Seguidamente designaram-se com o termo raças os diversos grupos linguísticos, e no transcurso do século XIX Max Müller, Whitney, Oppert e outros autores sustentaram que a língua era o critério das raças. Inda hoje se ouve falar de raça eslava, de raça germânica, etc. Estas denominações não concordam com o ponto de

vista antropológico, no qual a raça designa uma série de particularidades físicas transmitidas de geração em geração. A unidade linguística dum grupo humano não implica necessariamente homogeneidade física.

O termo tipo antropológico é mais recente que o de raça e foi introduzido por Paulo Broca. Adquiriu significado à medida que as investigações permitiam distinguir nos grupos, estremados todavia pela pigmentação da pele e do sistema pelífero, certas diferenças de estrutura física: forma da cabeça, da cara, dos olhos, do nariz, etc. O conjunto destas particularidades, unido à cor da pele, dos olhos e dos cabelos, constitui um tipo antropológico. No artigo citado observa o professor Rosinsky:

«A aceitação desse termo é puramente biológica e não poderia confundir-se com a noção de nacionalidade que envolve principalmente os caracteres linguísticos e culturais.»

«Os tipos antropológicos da população europeia possuem centros geográficos. Sem embargo, os seus limites estão longe de conformar-se com as fronteiras étnicas e, com mais forte razão, políticas. Cada nacionalidade compõe-se de vários tipos antropológicos cujas relações numéricas variam segundo a região. Na Europa distinguimos quatro tipos antropológicos primitivos e seis tipos mistos, ou tipos secundários. São os tipos nórdicos, o laponóide, o armenóide e o líbero-insular (mediterrâneo). Os caracteres próprios de cada um desses tipos transmitem-se por via hereditária, isto é, se os pais pertencem ambos ao tipo nórdico todos os filhos pertencerão a essa mesma categoria. Entende-se por tipos secundários os descendentes de uniões mistas; assim, se um dos pais representa o tipo nórdico e o outro o laponóide, os filhos pertencerão ao tipo secundário, chamado subnórdico.»

Assim como cada nacionalidade apresenta uma diversidade de tipos antropológicos, também se encontram alguns desses tipos no seio de várias nacionalidades.»

A partir de Darwin o conceito de raça humana está em estreita conexão com o de herança, e o problema das raças toma a feição dum problema biológico.

H. Günther define a raça como «um grupo humano que se distingue dos outros grupos humanos por caracteres físicos e morais que lhes são pró-

prios e se transmitem hereditariamente».

A questão da unidade da espécie está-se resolvendo num monogenismo científico que empresta pleno valor, aclarando as variações, ao factor «vida sexual». O professor Schaxel, num artigo intitulado *A teoria das raças tem fundamento?* expõe claramente o estado actual do problema:

«Conhecemos a lei que determina a reaparição de caracteres semelhantes em gerações sucessivas. Atribuímos à herança a parecença dos pais, nos quais os caracteres observados, considerados quantitativa, qualitativa e cronologicamente são idênticos, quando esses mesmos factores hereditários podem observar-se em ascendentes ou descendentes. Um grupo determinado hereditariamente deve, portanto, apresentar certos caracteres bem precisos. Não é possível reproduzir semelhantes caracteres com a precisão necessária senão mediante uma série de experiências estritamente verificadas. Em geral, a verificação científica não pode realizar-se a não ser em casos de reprodução assexual ou incestuosa. Nos outros casos trata-se de grupos mesclados que não é possível estudar ou tomar em consideração, tanto no ponto de vista da ciência da herança como no ponto de vista da raça. De resto, o mesmo «produto» hereditário se desenvolve de forma completamente diversa segundo o meio exterior. Não é possível nenhuma verificação sem ter cientificamente em conta a influência do meio.»

Isto aplicado à humanidade significa apenas que todos os grupos humanos actuais, e mais notoriamente os habitantes da Europa Central, são «produtos» mesclados, quando mais não seja no ponto de vista hereditário. É preciso agora ter em conta a situação geográfica e social do indivíduo, o seu meio, no qual o homem se desenvolve de maneira absolutamente independente das suas origens hereditárias. Os factores económicos e sociais determinam o seu destino complexo.

No ponto de vista científico nada mais cabe acrescentar sobre qualidade racial.»

Os antropólogos atribuem geralmente grande valor ao índice cefálico e dividem as raças, segundo tal índice, em dolicocefalas, braquicefalas e

mesaticefalas. Divergem muito na elaboração dos métodos antropométricos em que se baseiam os estudos antropológicos. É enorme e praticamente pouco aplicável o número de medidas que devem tomar-se sobre o ser vivo e o esqueleto. As medidas relativas à cabeça consideram-se de importância capital, mas hoje sabemos que tipos étnicos muito diversos apresentam o mesmo índice cefálico ou um índice muito semelhante, ao passo que tipos étnicos afins apresentam índices diferentes. A influência do ambiente modifica o índice cefálico; segundo alguns autores a vida nas cidades alarga o crânio, segundo outros estreita-o. O antropólogo alemão Boas (hebreu alemão) teve a lembrança de observar o índice cefálico em grupos de imigrantes e sua descendência, conseguindo verificar este facto muito discutido: o índice dos descendentes de imigrantes afasta-se do dos progenitores tendendo para uma medida que pareceria tornar-se típica na população urbana dos Estados Unidos da América do Norte, a qual pende para a redondez cefálica. Os italianos do Sul imigrados nos Estados Unidos chegariam a ser braquicefalos, enquanto os hebreus russos se tornariam dolicocefalos. Os cientistas norte-americanos afirmam que os anglo-saxões com residência na América superior a dois séculos se aproximam do tipo do pele vermelha. No seu artigo *A vontade*, o sociólogo francês Augustin Hamon diz:

«Um grande sábio escocês, Patrick Geddes, dizia-me um dia, há mais de trinta e cinco anos, que os homens dolicocefalos de grande estatura, loiros, de olhos azuis, tendem a desaparecer nas Ilhas Britânicas. Era um facto que ressaltava de numerosas comprovações. E em 1914 e 1915, por ocasião da guerra, eu próprio o verifiquei ao ver o grande número de soldados britânicos pequenos, morenos e de cabeça redonda ou quasi redonda.»

As opiniões dos antropólogos discordam, mas desta mesma discordância resulta que o índice cefálico se revela agora muito inconstante para prover algo mais que um simples argumento a favor desta ou daquela origem étnica, argumento que deve ser corroborado com muitos outros e que, ainda associado a outros, não pode admitir-se como absolutamente probatório.

O índice nasal, além de requerer uma medição muito esmerada (dada a curteza das linhas, um erro infimo basta para alterar sensivelmente a exactidão das medidas), tem uma importância discutível pois que, como demonstraram

(Continua na página imediata)